

PARA ALÉM DA ESTÉTICA: uma análise da simbologia do cabelo nas redes sociais da internet.

GILMARA GABRIELLE GOMES SANTOS¹

RESUMO

A presente pesquisa tem como objetivo analisar de que forma a estética capilar afrorreferenciada se torna um símbolo da identidade negra a partir dos movimentos sociais que discutem sobre a negritude a exemplo movimento Black Power nos EUA, movimento Black Rio no Rio de Janeiro e Centro de Cultura Negra no Maranhão que proporcionaram debates importantes sobre o negro e a sua estética, permitindo assim a construção de uma beleza negra. Além disso, analisa-se como essas discussões em torno do cabelo ocupam espaços nas redes sociais da internet como facebook, instagram, youtube e blog proporcionando uma representatividade nunca vista antes nas mídias convencionais. Isso se deu como contraposição ao padrão eurocentrado que era fortemente representado nos veículos de imagens, como cartazes, novelas e mídias convencionais e era imposto ao negro, o que fez esses movimentos de estetização questionarem e refletirem sobre esses padrões.

Palavras-chave: identidade negra, estética afrorreferenciada, ciberespaço.

ABSTRACT

This research to analyze how the afro referenced capillary esthetics becomes a symbol of black identity from the social movements that discuss blackness, for example Black Power movement in the USA, Black Rio movement in Rio de Janeiro and Centro de Cultura Negra in Maranhão, which provided important debates on blacks and their esthetics, thus allowing the construction of a black beauty. In addition, it analyzes how these discussions around hair occupy spaces on internet social networks such as facebook, instagram, youtube and blog, providing a representativeness never seen before in conventional media. This as a contraposition the euro centered pattern that was strongly represented in image vehicles, such as posters, soap operas and conventional media, was imposed on black people, which made these esthetics movements question and reflect on these patterns.

¹UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO

Keywords: black identity, afro-referenced capillary esthetics, cyberspace

Data de Aprovação: São Luís, 20 de Outubro de 2023

Data de Submissão: 03/10/2023

Disponibilidade:

1 INTRODUÇÃO

O cabelo estilo black power, as tranças, os turbantes, os dreadlocks e os diversos penteados que compõe a estética capilar afrorreferenciada² são considerados por muitos como símbolo da identidade negra. Os movimentos sociais, com ênfase nos movimentos que debatem sobre a negritude, nos espaços não digitais e digitais como as mídias sociais no facebook, instagram, youtube, os blogs, fez com que se questionasse a importância do cabelo do negro e sua representatividade.

Nesse contexto, o principal objetivo é fazer uma breve análise de como a estética capilar se torna uma ferramenta de afirmação identitária refletindo sobre o processo da construção da identidade e como a estética capilar está inserida nessas discussões. Tem como objetivo também fazer um breve mapeamento de como a simbologia do cabelo se expande ao longo do tempo à medida que os grupos estabelecem relações uns com os outros para promover uma discussão crítica a partir do cabelo e os estigmas que envolve o cabelo crespo/cacheado.

A metodologia da pesquisa consiste em um levantamento bibliográfico sobre o tema: identidade, movimentos internacionais e nacionais com ênfase nos movimentos negros no período de 1960 até os anos 2000 que debatiam sobre a importância do cabelo do negro dentro dos movimentos sociais; um resumo histórico da estética afrorreferenciada e a observação das mídias sociais como facebook, youtube, instagram e blog.

As páginas escolhidas na internet foram, Blogueiras Negras (s.d), Afroculture (s.d), Cacheadas em Transição (s.d); dois documentários no youtube: Estética e Cabelos Afros: espelho, espelho meu! produzido por Adriele Moreno, postado no canal Ayódelê Oduduwa (2011), e o filme no youtube Das Raízes às Pontas dirigido por Flora Egécia e produzido por Bianca Novais, Maurício Chades e Flora, postado no canal estúdio cajuína (2021), foram as contas escolhidas para o complemento desta análise.

² Referências sociais, técnicas de manipulação capilar ancestrais e estéticas que são encontradas em algumas partes do continente africano, mas que são ressignificadas nas diásporas africanas.

Os conteúdos escolhidos para a observação na internet são páginas que tem destaque nas redes digitais a partir de números de curtidas, visualizações e os temas das páginas, dos documentários e filme tem como temática principal a estética capilar afrorreferenciada.

2 DESENVOLVIMENTO

Para dá início a este artigo é importante compreender a princípio como se dá o processo de construção de uma identidade e a sua relação na percepção da imagem que uma pessoa e um grupo tem de si em interação social com o outro.

A identidade não é algo dado, que se verifica, mas uma condição forjada a partir de determinados elementos históricos e culturais, sua eficácia enquanto fator que instrumentaliza a ação é momentânea e será tanto maior quanto mais estiver associada a uma dimensão emocional da vida social (NOVAES,1993. p. 24-25).

O antropólogo Fredrik Barth, que é anterior a Novaes (1993), se dedica aos estudos sobre identidade a partir do conceito de grupos étnicos. Considerando a definição geral de grupos étnicos ao qual:

1. em grande medida se autoperpetua do ponto de vista biológico;
2. compartilha valores culturais fundamentais, realizados de modo patentemente unitário em determinadas formas culturais;
3. constitui um campo de comunicação e interação;
4. tem um conjunto de membros que se identificam e são identificados por outros, como constituindo uma categoria que pode ser distinguida de outras categorias da mesma ordem. (BARTH, 2000. p. 27).

Porém Fredrik Barth entende a identidade étnica a partir da cultura, compreendendo esta como um dos elementos importantes no processo da organização dos grupos. Barth (2000, p. 29) cita que “é muito mais vantajoso considerar essa importante característica como uma consequência ou resultado ao invés de tomá-la como um aspecto primário ou definidor da organização dos grupos étnicos”.

É a partir da organização dos grupos que o autor irá aprofundar a sua análise. Barth (2000. p. 32) afirma que “nesse sentido organizacional, quando os atores, tendo a finalidade a interação, usam identidades étnicas para se categorizar e categorizar os outros, passam a formar grupos étnicos”. Apesar das características étnicas levarem em conta as diferenças culturais, não se pode presumir uma relação de correspondência simples pelas unidades étnicas.

É nesse sentido organizacional, ao qual Barth se refere, é onde os grupos buscam elementos culturais significativos para marcar as diferenças com o Outro, formando assim “sinais manifestos” ou “características diacríticas”.

(i) sinais e signos manifestos, que constituem as características diacríticas que as pessoas buscam e exibem para mostrar sua identidade, trata-se frequentemente de características tais como vestimentas, línguas, formas das casas ou estilo geral de vida; (ii) orientações valorativas básicas, ou seja, os padrões de moralidade e excelência pelos quais as performances são julgadas. Uma vez que pertencer a uma categoria étnica implica ser um certo tipo de pessoa e determinada identidade básica, isto também implica reivindicar ser julgado e julgar-se a si mesmo de acordo com os padrões que são relevantes para tal identidade (BARTH, 2000, p. 32).

Já o antropólogo Roberto Cardoso de Oliveira, que segue a mesma linha de pensamento de Barth ao refletir sobre a identidade étnica, afirma que a identidade contrastiva se constrói na essência da identidade étnica. Cardoso de Oliveira (1973, p. 5) afirma que a identidade étnica se constitui no “nós diante dos outros. Quando uma pessoa ou um grupo se afirmam como tais, o fazem como meio da diferenciação em relação a alguma pessoa ou grupo com que se defrontam”.

Nesse sentido, a relação de contato entre grupos étnicos diferentes e a imagem que o grupo tem de si e do outro pode ser analisada por meio de conflitos, não só entre grupos diferentes, como dentro do próprio grupo que constrói as suas categorias. Para Carneiro da Cunha (2018, p. 236) a etnicidade já foi pensada em termos biológicos, mas a noção de cultura veio substituir a de raça, pois transferiu à noção de cultura uma retificação semelhante de raça. Assim inventou-se o conceito de aculturação, onde a cultura podia ser adquirida, inculcada e não biologicamente dada, mas também podia ser perdida.

A principal análise de Manuela Carneiro da Cunha, que é posterior a Barth e Cardoso de Oliveira, foi trabalhar as relações de contato entre grupos diferentes nas diásporas, com ênfase em compreender a situação colonial e a construção da nacionalidade. A cultura tem um papel central nessas relações de contraste, mas não de correspondência simples, pois dentro dela envolve toda uma complexidade

Esse foi um problema de quantos países se viram diante de construir uma nacionalidade. Na África das lutas de independência e pós-colonial, a etnicidade era vista como um empecilho à constituição de uma noção moderna, e acusava-se o

chamado “tribalismo” de dificultar sua construção. Esse argumento ainda é enconstradiço e supõe uma ligação arraigada de cada homem com sua cultura moderna. A cultura, como o complexo de Édipo e outros pecados originais, teria de ser redimida. E acreditava-se na benéfica influência das cidades, onde a vida era regida por laços principalmente contratuais. Até que se descobriu que não só o chamado “tribalismo” não desaparecia nas cidades modernas africanas, como ao contrário, ele se 17 exacerbava. Em outras palavras, longe de proceder em Roma como os romanos, nunca se era tão apegado às tradições culturais quanto na diáspora (CARNEIRO DA CUNHA, 2018, p. 236).

As diferentes formas de manipulação do cabelo como tranças, turbantes, dreadlocks e outros elementos que compõe a estética capilar em diferentes partes do continente africano, ganham outras significações nas diásporas. Cada lugar em que há a presença de africanos e seus descendentes, esses signos da estética ganham diferentes conotações. Entretanto, seguindo Manuela Carneiro da Cunha, que o significado primário de um signo ganha diferentes funções nas diásporas

(...) o significado de um signo não é intrínseco, mas a função do discurso em que se encontra inserido e de sua estrutura. A construção da identidade étnica extrai assim, da chamada tradição, elementos culturais que, sob a aparência de serem idênticos a si mesmos, ocultam fato essencial de que, fora do todo em que foram criados, seu sentido se alterou. Em outras palavras, a etnicidade faz da tradição ideologia ao fazer passar o outro pelo mesmo; e faz da tradição um mito na medida em que os elementos culturais que se tornaram “outros”, pelo rearranjo e simplificação a que foram submetidos, precisamente para se tornarem diacríticos, se encontram por isso mesmo sobrecarregados de sentido. Extraídos de seu contexto original, eles adquirem significações que transbordam das primitivas (CARNEIRO DA CUNHA, 2018, p. 239)

Diante disso, autores/as que pensam a identidade negra, destacam que o cabelo e o corpo podem ser pensados pela cultura, se caracterizando como um símbolo da identidade negra, Nilma Lino Gomes destaca que:

Nesse sentido, o cabelo crespo e o corpo do negro podem ser considerados como expressões e suportes simbólicos da identidade negra no Brasil. Juntos, eles possibilitam a construção social, política e ideológica de uma expressão criada no seio da comunidade negra: a beleza negra. Por isso não podem ser considerados simplesmente como dados biológicos. A identidade negra é entendida, como um

processo construído historicamente em uma sociedade que padece de um racismo ambíguo e do mito da democracia racial. Como qualquer processo identitário, ela se constrói no contato com o outro, no contraste com o outro, na negociação, no conflito e no diálogo. (GOMES, 2016, p. 42)

Para Nilma Lino Gomes os estudos de miscigenação no Brasil nutrem o mito da democracia racial – em que supostamente há uma harmonia entre brancos, indígenas e negros –, a autora considera que as características físicas foram um dos argumentos utilizados para a inferiorização do negro.

Esse poder regulatório da raça biológica no contexto do racismo impulsiona um movimento contrário, no sentido de desmitificar tal ideologia e explicitar o conteúdo racista dos argumentos biológicos (...) a raça e os demais sinais diacríticos são ressignificados e recodificados politicamente. As categorias de cor passam a ser critérios de inclusão (como o caso das cotas raciais), e não de exclusão. O corpo negro ganha uma releitura política, afirmativa e identitária. (GOMES, 2016, p. 99).

Além dessa discussão, há uma outra linha de pensamento pouco analisada pelas ciências sociais, que pensar a identidade negra a partir da consciência política do grupo, que é a consciência negra. Os textos de Steve Biko, um dos principais autores que define o conceito de consciência negra, tiveram uma influência importante para as lutas contra o apartheid na África do Sul e nos EUA na década de 1960 e 1970

A proposta de Steve Biko era não limitar o processo de identificação a partir da biologia, mas na percepção do negro de se juntar em grupo e atuar contra o colonialismo que estava ocorrendo tanto na África do Sul quanto fora. Porém antes de definir a consciência negra, o autor define primeiro o que é ser negro

Em nosso manifesto político definimos os negros como aqueles que, por lei ou tradição, são discriminados pela polícia, econômica e socialmente como um grupo na sociedade sul-africana e que se identificam como uma unidade na luta pela realização de suas aspirações. (BIKO, 1990, p. 75).

Essa definição já traz um outro sentido para a própria nomenclatura “negro,” que anteriormente estava ligada ao conceito de “raça” que era definido a partir do fenótipo. Steve Biko não desconsidera totalmente a fisionomia, mas ele dá um novo sentido, que é a ideia de consciência negra.

Se alguém aspira ser branco, mas sua pigmentação o impede, então esse alguém é um não branco [...] Os negros – os negros verdadeiros – são os que conseguem manter a cabeça erguida em desafio, em vez de se entregar voluntariamente a sua alma ao branco [...] A consciência negra é em essência a percepção pelo homem negro da necessidade de juntar forças com seus irmãos em torno na causa de sua atuação – a negritude de sua pele – e de agir como um grupo, a fim de se libertarem das correntes que os prendem a uma servidão perpetua. (BIKO, 1990, p. 76)

A psicóloga Neusa Santos Sousa, em seu livro *Torna-se Negro* reflete sobre ter pele preta ou características “negroides” e compartilhar da mesma história de desenraizamento, escravidão e discriminação racial, não faz automaticamente com que se crie uma identidade negra. Para Sousa (1983. p. 77) ser negro é além das características físicas e o compartilhamento de uma mesma história, é tomar consciência do processo ideológico que através de um discurso acerca de si, aprisiona o negro em uma imagem alienada, assim ser negro é tomar posse desta consciência e criar uma nova consciência que reafirme a dignidade alheia a qualquer exploração. Sousa (1983. p. 77) acrescenta que ser negro não é uma condição dada, a priori, mas é vir a ser, ser negro é torna-se negro.

Esse artigo irá analisar os grupos se interagem e formam suas próprias categorias, em um contexto cultural específico que vai desde 1960 – com o movimento Black Power nos Estados Unidos –, a chegada no Brasil nos anos de 1970 e 1980, com a Black Rio no Rio de Janeiro e a chegada das discussões sobre o cabelo do negro como ferramenta política no Maranhão. O objetivo central é compreender como a estética capilar foi ganhando espaço dentro desses movimentos políticos

2.1 A POLÍTICA DA IMAGEM.

O sociólogo Erving Goffman, em seu trabalho, pesquisou a manipulação da identidade a partir do estigma. Nesses estudos, o autor percebeu que a sociedade estabelece formas de categorizar as pessoas. Goffman (2008, p. 11) afirma que “os ambientes sociais estabelecem as categorias de pessoas que tem a probabilidade de serem neles encontradas”. Ou seja, a estética capilar passaria por um processo de categorização, onde se tem de maneira intrínseca que o padrão é o cabelo liso e o que está fora desse padrão é o diferente.

O contexto social e político em que surge o costume entre os negros de alisarmos os nossos cabelos, – essa postura representa uma imitação da aparência do grupo branco dominante e, com frequência, indica um racismo interiorizado, um ódio a si

mesmo que pode ser somado a uma baixa auto-estima. Durante os anos 1960, os negros que trabalhavam ativamente para criticar, desafiar e alterar o racismo branco, sinalavam a obsessão dos negros com o cabelo liso como um reflexo da mentalidade colonizada. (HOOKS, 2005, p. 2).

O número de pessoas negras nos EUA é menor do que o número de pessoas negras no Brasil. Segundo o portal de notícias online G1.com (2020) em 2020, os cidadãos negros nos EUA representavam mais de 13% da população. Já no Brasil a população negra é representada como mais da metade. Gomes (2017, p. 19) explica que o Movimento Negro teve um papel fundamental para alertar e reconhecer o protagonismo das negras e dos negros, que representam 53% da população que vive e constrói o país.

Mesmo sendo a maioria da população, os negros enfrentam muitas barreiras provocadas pelo racismo. Gomes (2017, p. 19) afirma que a luta não dá trégua por mais que na atualidade se reconheça a existência do racismo e que muitos negros/as aos poucos ocupam espaços sociais, políticos e acadêmicos, ainda assim precisa avançar. Isso ocorre pelo fato do negro ser estigmatizado na sociedade brasileira.

Figueredo e Cruz (2016, p. 36) destacam que na sociedade brasileira, marcada pela escravização, o escravizado era visto como inferior e construído como o Outro, a partir dos seus traços físicos, assim, a tipologia física do negro foi relacionada a inferioridade, incapacidade e vários atributos negativos. O cabelo teve um papel central para a manipulação da imagem do negro para ter uma “melhor aparência”.

A relação do cabelo com a “boa aparência” ou a atitude de “tornar-se mais bonito” ocorre na (sic) medida em que o cabelo crespo é tido como duro, feio e requer de algum modo, uma interferência para melhorá-lo, para mudar a sua aparência. Nesse sentido, existe a possibilidade de se modificar a aparência física, através da manipulação do cabelo (FIGUEREDO E CRUZ, 2016, p. 36-37).

A professora Maria Raimunda Araújo, mais conhecida como Mundinha, que foi a idealizadora do Centro de Cultura Negra do Maranhão (CCN), em uma entrevista para a CPDOC/Fundação Getúlio Vargas (FGV) em 2004, relata que ter o cabelo liso para as meninas negras era como um prêmio, demonstrava que elas estavam passando da fase da infância para a fase mais moça e também diminuía o sofrimento de pentear os cabelos encaracolados.

Eu ainda alisava, meu Deus, todo mundo alisava o cabelo. Era o prêmio que as mães davam quando a gente deixava as tranças no primário e ia para o ginásio, era levar no salão para alisar o cabelo. Isso era um prêmio. Não ia mais ter aquela dificuldade de fazer trança, meu cabelão, eu chegava a chorar de puxar muito... uma novela. E lógico que eu ficava satisfeita com o meu cabelo alisado, gostava. Mas quando eu começo a adquirir essa nova consciência assim de negritude, eu não queria mais (ARAÚJO, 2020, p. 38).

Pensar a relação do cabelo cacheado/crespo e o negro passa por diversos conflitos, tanto na relação do negro e a sociedade que segue o padrão do eurorreferenciado – que é visto como humanizado pois tem cabelo liso, olhos claros, seu padrão é aceito na sociedade, pois ele não possui o estigma –, como o conflito entre o negro e a sua própria imagem. A vergonha pode ser vista como um motivo central para a mulher negra alisar o cabelo e o homem negro a cortar o cabelo bem baixinho.

A vergonha se torna uma possibilidade central, que surge quando o indivíduo percebe que um de seus próprios atributos é impuro e pode imaginar-se como não-portador dele. A presença próxima de normais provavelmente reforçara a revisão entre auto-exigências e ego, mas na verdade o auto-ódio e a autodepreciação podem ocorrer quando somente ele e um espelho estão frente a frente (GOFFMAN, 2008, p. 17).

Contudo, Gomes (2019, p. 170) explica que o alisamento e o permanente-afro – que são técnicas de manipulação de cabelo que visam o relaxamento ou o alisamento dos cachos – não podem ser vistas apenas como técnicas que tem o propósito de imitar o branco, pois esses estilos de cabelo podem ser vistos como práticas culturais nas diásporas.

As críticas que cristalizam tais estilos à reprodução e à imitação de padrões estéticos brancos são, na realidade, cúmplices de uma visão antropológica ultrapassada que uma vez tentou explicar que as culturas negras da diáspora são produtos bastardos de “aculturação” unilateral (GOMES, 2019, p. 171).

Ou seja, apesar de que o alisamento dos cabelos cacheados, é por vezes imposto, fazendo com que o negro só se sinta mais humano seguindo o padrão eurorreferenciado, essa prática pode ser vista como um ritual simbólico e cultural que pode ser questionada, mas não pode ser cristalizada ao ponto de afirmar que alisar o cabelo automaticamente embranquece o indivíduo ou que deixar o cabelo cacheado o enegrece.

Apesar de toda a complexidade envolvendo o alisamento (muitas críticas foram e são feitas) o grande marco foram os movimentos de estetização dos anos de 1960 nos EUA, como por exemplo o movimento Black Power, que foi mais que um movimento estético, mas também foi um movimento político-social, que influenciou outros movimentos no Brasil, como a Black Rio no Rio de Janeiro e o Centro de Cultura Negra no Maranhão nas décadas de 1970 e 1980 e conseqüentemente os movimentos de estetização nas redes sociais da internet a partir dos anos 2000.

Gomes (2019, p. 211) destaca que as décadas de 1960 e 1970 ajudaram não só a pensar estratégias políticas de combate ao racismo, mas também a formular várias ideias que inspiraram jovens negros em outros países a problematizar os sistemas em que vivem. Esses jovens negros construíram um novo modelo para se referir ao conceito político, social, cultural e estético para a população afro-diaspórica, consubstanciado na expressão “Black Power”.

O Movimento Black Power, além de trazer discussões que estavam em relevância – como por exemplo a discussão efervescente dos direitos civis nos Estados Unidos, liderada por Martin Luther King – também está associado a um estilo de cabelo, o “Cabelo Black Power”, que rejeita o padrão estético liso europeu e se apropria de uma estética afrorreferenciada. O cabelo Black Power ou o cabelo crespo era visto como um estilo de cabelo político, pois era o cabelo natural com um corte arredondado para dar volume e forma ao penteado.

No Brasil esse modelo de discussão se inicia no final da década de 1960 e início de 1970 e ganha força, principalmente, em bairros operários da Zona Norte do Rio de Janeiro. Em relação a chegada do discurso do Movimento Black Power no Brasil, Xavier de Oliveira descreve:

A soul music integrou uma importante parte da música brasileira da época e modificou a cena cultural carioca. Como parte das atividades de lazer dos finais de semana no subúrbio da cidade, os bailes soul geralmente eram realizados em clubes sociais recreativos e quadras de escolas de samba, cujo público eram grupos de trabalhadores e uma classe média emergente. O discurso Black Power, em particular, encontrou ali um solo fértil para se manifestar, estabelecendo uma nova agenda para o movimento negro carioca. Ao mesmo tempo, nesses bailes eram desenvolvidas estratégias alternativas para a construção de um estilo particular, por meio de diferentes exercícios identitários. (XAVIER OLIVEIRA, 2015, p. 79).

Esse Movimento ficou conhecido como “Black Rio”, e tinha como objetivo a construção e a afirmação de uma identidade negra, que se posicionava contra o mito da democracia racial. Xavier Oliveira (2015, p. 190) afirma que Black Rio, ou a Black Soul, propôs novos modelos de representações socioculturais e políticas e tinham uma intensa atuação das equipes de som que organizavam as movimentações em torno dos bailes blacks dos anos 70.

Na década de 70 a soul music invade o Brasil e os negros assumem o cabelo estilo "Black Power". Posteriormente eventos como a Noite da Beleza Negra realizada pelo Ilê-Aiyê em Salvador e Agbara Dudu no Rio mostraram o alcance dessa concepção estética revolucionária, na medida em que afasta o negro de alienação centrada num padrão branco de beleza imposto pela indústria cultural (SILVA, N., 1993, p. 43).

Em São Luís (MA), as discussões chegaram nos anos de 1970 e 1980, por Maria Raimunda Araújo (Mundinha), a qual relata que a ida ao Rio de Janeiro no final da década de 1960, a influenciou a deixar de alisar o seu cabelo e assumir o “cabelo natural”, isso aconteceu por causa do movimento Black Rio e as discussões sobre o Black Power.

Porque era novidade também você ir deixando o cabelo natural. Foi nesse ano, eu não sei. Eu só sei que teve a época, mas foi no final dos anos 1960, que já estava o movimento black Rio, que na zona norte eles já estão todos com aqueles cabelos enormes, aí eles passavam perto de mim e cumprimentavam... Pronto. Eu vi, aí eu comecei a ver que eu estava relacionada de fato com uma comunidade (ARAÚJO, 2020, p. 34).

Porém ao chegar ao Maranhão, Mundinha afirma como foi difícil a aceitação por partes das pessoas de sua família e nas ruas de São Luís, pois ao assumir o cabelo black power, ela se tona alvo de vaias e desaprovação.

Mas eu disse: “Mas no Maranhão...” Porque eu ia para o Rio e passava uns três meses, porque professora tinha uns três meses. Quando eu retornei o cabelo já estava bem carapinha. Aí foi um choque. Eu acabei sendo a primeira mulher negra a usar o cabelo assim natural (...) Chamava a atenção e eu era agredida, me davam vaia na rua: “Éh mulher, de onde saiu isso?” “É Toni Tornado?” Eu preciso saber o ano que Toni Tornado apareceu no festival com o cabelo black power, porque eles me chamavam de Toni Tornado (ARAÚJO, 2020, p. 34).

A estética capilar teve um papel importante no processo da construção da identidade negra, não só o cabelo estilo black power, como outros penteados que começaram a se popularizar em outras partes das diásporas influenciadas pelos movimentos de estetização, a exemplo os dreadlocks, tranças, o uso de turbantes entre outros penteados que tem como propósito a valorização da beleza negra.

2.1.1 A estética afrorreferenciada na diáspora.

A estética africana teve e tem um papel fundamental no que se diz respeito a representatividade e referência nas diásporas. Assim, pode-se afirmar que a estética capilar no meio social tem a capacidade de se comunicar.

O cabelo funcionava como um condutor de mensagens na maioria das sociedades africanas ocidentais. Muitos integrantes dessas sociedades, incluindo wolof, mende, mandingo e iorubás, foram escravizados e trazidos para o Novo Mundo. Nessas culturas o cabelo era parte integrante de um complexo sistema de linguagem. Desde o surgimento da civilização africana, o estilo de cabelo tem sido usado para indicar o estado civil, a origem geográfica, a idade, a religião, a identidade étnica, a riqueza e a posição social das pessoas. (GOMES, 2019, p. 332)

Pensar o cabelo como agente comunicador ou como um elemento da linguagem, que se comunica no campo social e simbólico, se torna um exercício intelectual interessante, visto que a estética capilar é utilizada para identificar a nação, o estado civil e a posição social que o homem e a mulher negra tinham /tem no continente africano, e também nas diásporas, porém nas diásporas – e no continente africano, nos locais afetados pela colonização – a conservação do significado primário da estética capilar não se conserva por muitas gerações, mas acaba ganhando novas significações.

A historiadora social Celia Silva, salienta que a cabeça, principalmente os cabelos crespos, se configuram em comunicação corporal através de penteados afros que são considerados como manifestações artísticas. Célia Silva (2020, p. 22) afirma que “trata-se de memórias ancestrais, próximas, familiares, cotidianas e também, religiosas”.

Figura 1 — Negros de nações diferentes - Jean Baptiste-Debret.



Fonte: Google Imagens (NEGROS DE DIFERENTES NAÇÕES, s.d).

Na imagem à cima identifica-se 9 homens negros com estilos de penteados, adereços, cortes de cabelos, tranças e pinturas no rosto bem diferentes um do outro. Nessa obra, o artista evidencia que cada penteado, marcas no rosto e os adereços eram formas de identificar as nações, posição social e até mesmo o tipo de trabalho que cada homem exercia.

Gomes (2019) ratifica que estética, política, identidade, mercado e moda são inseparáveis e mantem entre si uma relação complexa. A seguir serão apresentados alguns símbolos mais populares da estética negra e seu papel não só nos movimentos sociais como também seu significado ancestral, espiritual, estético e político.

- **Cabelo estilo *Black Power*.**

Popularizado na década de 1960 e 1970, pela militância negra, o cabelo black ou cabelo afro, como é popularmente conhecido, tem um corte arredondado e sem cachos, o maior símbolo de representatividade é a filósofa e ativista Angela Davis.

- ***Dreadlocks*.**

Assim como o cabelo black power, é representado como um símbolo de resistência, sua referência são inspirados pelos povos Himbas na África e os povos Saddus na Índia, segundo Vieira (2015). Mas a sua popularização se deu através do cantor e compositor Bob Marley.

- **Tranças**

Rafaela Xavier acrescenta que há registros das tranças desde o Kemet (antigo Egito), nas estatuas dos faraós e nas pinturas retratadas nas paredes e há também registros em várias nações africanas, como os povos Mangbetus, Massai, Mbalantu, Wodaabe e os povos de língua yorubá que foram trazidos forçadamente para o Brasil e inspiraram as tranças nagô.

- **Turbantes**

O turbante também possui um significado estético, político, religioso e de afirmação identitária. Sua origem é incerta, algumas fontes afirmam que veio do Oriente Médio

influenciada pela fé islâmica, mas o que se tem conhecimento é que o turbante chegou ao Brasil através dos africanos.

2.1.1.1 O cabelo como símbolo de resistência e representatividade na internet.

Os movimentos sociais em geral na internet surgem meio a uma instabilidade financeira e social, especificamente nos anos 2000. É importante afirmar que, movimentos sociais no ciberespaço não nascem apenas da pobreza, mas também da esperança de uma possível mudança em função de exemplos de revoltas exitosas em outras partes do mundo, o que inspirou esses movimentos por meio de imagens e mensagens em rede pela internet.

Gomes (2017, p. 94) destaca que nos espaços das redes sociais da internet, as discussões passaram a serem feitas, principalmente pelos jovens, mulheres e homens negros ocuparam espaços nos canais do youtube e facebook a partir da segunda década dos anos 2000, tornando as análises sobre o cabelo um dos elementos centrais de reflexão científica, seja para dar dicas de beleza ou para politizar a sua relação com o mundo.

No entanto, as mídias sociais alternativas como uso de internet por meio de Sites, Facebook, Whatsapp, MSN e Skype apresenta-se como uma forma alternativa de comunicação e organização de movimentos sociais negros frente à negação e não vinculação da imagem e de valores culturais do negro na grande mídia. A dinâmica social que envolve as redes sociais atualmente promove novas possibilidades de relações, informações e conhecimentos desenvolvidos pelos movimentos sociais negros na atualidade. Dessa forma, as novas conexões virtuais se configuram numa estratégia social de organização e compartilhamento de experiências e informações como um movimento emancipatório para valorização e combate das desigualdades, no que se refere aos conhecimentos sobre a comunidade negra (BARRETO, CECCARELLI e LOBO, 2017, p.10).

As redes sociais escolhidas foram facebook, instagram, youtube e blogs com a temática sobre cabelo, priorizando as discussões em torno da estética negra, crespo/cacheados, penteados afro-referenciado e identidade negra/consciência negra. As contas observadas foram, Blogueiras negras (site), Cacheadas em Transição (comunidade no facebook), Afroculture (facebook e instagram), dois documentários e um filme no youtube.

- **Blogueiras negras**

Dentre os sites observados tem em destaque o blog BLOGUEIRAS NEGRAS (s.d), criado em 8 de março de 2013, onde a princípio tinha como objetivo trazer referências de mulheres de ascendência africana e aquelas que se identificam com o feminismo e a luta antirracista das mulheres negras. Mas ao longo desses nove anos de site, se transformou em

uma comunidade online com mais de 1.300 mulheres que utilizam esse meio de comunicação para produzir um conjunto de informações, com textos originais focados não só em mulheres negras e afrodescendentes, mas pautando gênero e raça.

- **Comunidade Cacheadas em Transição**

A primeira comunidade na internet observada, foi criada em 2012, é uma comunidade no facebook chamada Cacheadas em Transição, comporta cerca de 242 mil membros, todas são mulheres que passaram ou estão passando por transição capilar, nessa comunidade as mulheres trocam dicas de cuidados e dão suporte umas às outras, é um grupo exclusivamente feminino e online, o que se configura em uma rede de apoio capaz de incentivar as mulheres a não desistirem da transição capilar.

- **Afroculture (instagram e facebook)**

O segundo foi um grupo, criado em 2015, na cidade de São Luís (MA), chamado Afroculture. Formado por mulheres e homens com o objetivo de levar informações sobre como tratar os cabelos crespos, cacheados, trançados e como fazer penteados com turbantes. As discussões da Afroculture vão além da estética, também trazem, reflexões em torno da construção e fortalecimento da identidade negra. Sua atuação é online através do facebook e instagram, mas também fazem encontros presenciais. Porém, com a pandemia do coronavírus em 2020, as atividades presenciais foram suspensas.

- **Filme: Das Raízes às Pontas.**

O filme *Das Raízes às Pontas* entrevista várias crianças, especialmente à Luiza de 12 anos que tem orgulho do seu cabelo crespo, e mulheres e homens de diversas idades para falar do papel do cabelo crespo como elemento de tornar-se negro e como ato político contra imposições estéticas. A principal temática do filme é questionar os padrões de beleza, que são 56 impostos cada vez mais cedo e a afirmação do cabelo crespo como um dos elementos fundamentais da identidade negra.

- **Documentário 1: *O Teu Cabelo Não Nega* (2017)**

Produzido por Gabriela Rocha, dialogou com diversas mulheres negras no seu processo de construção de identidade política a partir da transição capilar. Esse documentário foi filmado na caminhada da Avenida Paulista até o Centro Cultural de São Paulo, em 2016, onde várias mulheres que tinham atividade política em blogs, comunidades no facebook e instagram, foram as ruas com cartazes para fortalecer a estética afro como símbolo da identidade negra e resistência. A marcha ficou conhecida como Marcha do Cabelo Crespo que no ano de 2015 teve sua primeira edição e em 2016 a segunda.

- **Documentário 2: Sobre Estética e Cabelos: Espelho, Espelho Meu! (2011)**

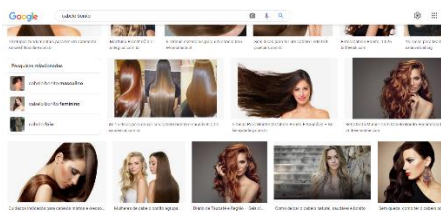
O primeiro documentário observado foi Sobre Estética e Cabelos Afros: Espelho Espelhos Meu! (2011), produzido por Elton Martins, tem como participação principal o historiador Antônio Cosme, que explica as expressões identitárias, como o cabelo estilo “Black Power”, as tranças e os dreadlocks fazem parte do processo de construção de identidade negra, se contrapondo a cultura do cabelo liso. Nesse documentário há participações de mulheres, homens jovens, adultos, idosos e crianças que contribuem na narrativa do documentário. O objetivo do documentário é refletir sobre a estética afro-referência na formação da identidade negra, consciência negra e a autoestima do negro no Brasil.

Essas novas conexões virtuais abriram espaços para um processo de identificação da comunidade negra mediante a falta de representações positivas nas mídias de maiores audiências, como em TVs, propagandas, filmes, novelas etc. o que levou várias pessoas negras a ocuparem o ciberespaço como forma de democratizar e diversificar esse espaço, ressignificando os padrões estabelecidos socialmente.

Apesar da internet se apresentar como esse espaço mais democrático e de diversidades de ideias, os ativistas negros/as ainda relatam que no ciberespaço a cultura branca e eurocêntrica ainda está fortemente representada na internet. Em 2019, internautas¹⁰ foram às redes sociais, principalmente no Twitter, denunciar as buscas no Google¹¹. Em matéria do O Globo, portal jornalístico digital, afirma que o sistema de busca do google por cabelo feio estava relacionada aos cabelos crespos/cacheados e as buscas por cabelo bonito estava relacionada ao cabelo liso.

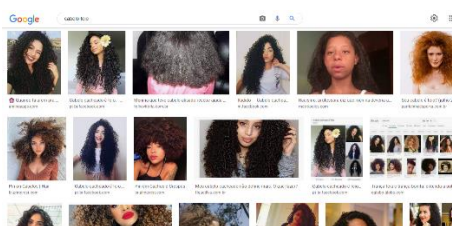
O referido jornal relata que especialistas apontam que o sistema de busca no Google não faz juízo de valor, essa ferramenta procura por imagens em páginas que tenham as palavras na busca, ou seja, os comentários em sites e nas plataformas digitais fazem referências ao belo para os cabelos lisos e feio aos cabelos crespos/cacheados. A mesma coisa acontece ao pesquisar sobre “tranças”, que contêm imagens de mulheres brancas usando trança como bonito e mulheres negras usando tranças, está relacionada como “feio”.

Figura 2 — Cabelo bonito.



Fonte: Google Imagens (CABELO BONITO, s.d).

Figura 3 — Cabelo feio.



Fonte: Google Imagens (CABELO FEIO, s.d).

As lutas dentro e fora do ciberespaço são contínuas, pois os conflitos gerados pelo estabelecimento de um padrão único com referência branca, ainda estão presentes tanto nos espaços não digitais e quanto nos espaços digitais. Por isso a importância do compartilhamento de informações e a expansão em rede por parte das comunidades negras para o gerenciamento e problematização dos discursos que estão sendo gerados nas mídias gerais, seja nas TVs, rádios, propagandas com imagens, nos espaços digitais etc.

3 CONCLUSÃO

Ao longo desta pesquisa foi possível refletir sobre as teorias que envolvem a construção da identidade no campo social, por meio da interação entre os grupos étnicos e a consciência política dos grupos. E verificou-se que o cabelo crespo/cacheado, as tranças, os dreadlocks, o cabelo alisado (sem desconsiderar as suas ambiguidades), os turbantes etc. tiveram um papel fundamental em um processo complexo de afirmação identitária, ora estigmatizados por um segmento dominante na sociedade brasileira que tem como padrão a referência eurocentrada, ora utilizados para reforçar as lutas que entende a estética negra

como uma marca cultural de resistência reforçando a sua ancestralidade africana que sofreu (ainda sofre) várias tentativas de apagamento pelas marcas do racismo.

Assim na década de 1960 as discussões sobre o cabelo do negro começaram a ganhar força, iniciadas pelos movimentos sociais nos EUA, como o Black Power e os demais movimentos que refletiram sobre o lugar do negro na sociedade estadunidense. Logo essas discussões sobre o cabelo chegaram ao Brasil, iniciando pelo movimento Black Rio no Rio de Janeiro, pelo Centro de Cultura Negra no Maranhão a partir dos anos de 1970 e com a ocupação dos espaços digitais a partir dos anos 2000 com a discussão sobre o cabelo.

A ocupação da internet por parte dos movimentos sociais que debatiam essa construção da imagem do negro na sociedade brasileira a partir dos anos 2000 deu um novo significado, pois foi observado que a internet podia ser um lugar onde os negros poderiam se reunir em comunidade e refletir de forma orgânica sobre os assuntos pertinentes para o negro de uma forma mais ampla. Assim o ciberespaço se configurou em um lugar da diversidade onde os negros poderiam discutir sobre os variados temas sobre si.

Porém mesmo que a internet se mostre como um espaço da diversidade onde os negros teriam um lugar livre para falar e estar juntos com os seus, as lutas dentro e fora do ciberespaço continuam, pois os conflitos gerados pelo estabelecimento de um padrão único com referência branca estão fortemente presente nesses espaços.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Maria Raimunda. Maria Raimunda Araújo (depoimento, 2004). Rio de Janeiro. CPDOC/Fundação Getúlio Vargas (FGV). 2020

AYÓDELÊ ODUDUWA. Sobre estética e cabelos afros: espelho, espelho meu!, 2011. <https://www.youtube.com/watch?v=44SzV2HSNmQ&t=343s>. Acesso em: 02/01/2023.

BARRETO, Robenilson Moura; CECCARELLI, Paulo Roberto e LOBO, Warlington Luz. O negro e a mídia: novas possibilidades de referências identitárias nas redes sociais.

CONVERSAS TRANSVERSALIZANTES ENTRE PSICOLOGIA POLÍTICA, SOCIALCOMUNITÁRIA E INSTITUCIONAL COM OS CAMPOS DA EDUCAÇÃO, SAÚDE E DIREITOS. vol. 7. Organização: Flávia Cristina Silveira Lemos ([et al.]. Curitiba: CRV, pp. 709-718, 2017.

BARTH, Fredrik. Os grupos étnicos e suas fronteiras. In: ____ O guru, o iniciador e outras variações antropológicas. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2000. p. 25-67.

BIKO, Steve. Escrevo o que eu quero. São Paulo: Ática, 1990.

BLOGUEIRAS NEGRAS. <https://blogueirasnegras.org/?s=cabelos+> (s.d). Acesso em: 02/01/2023.

CACHEADAS EM TRANSIÇÃO. Comunidade cacheadas em transição. (s.d). <https://www.facebook.com/groups/487145284650001> . Acesso em 02/01/2023.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. Identidade, etnia e estrutura social. São Paulo: Livraria Pioneira, 1976.

CARNEIRO DA CUNHA, Manuela. Etnicidade: da cultura residual mas irreduzível. In: ____ Cultura com aspas e outros ensaios. São Paulo: Ubu, 2018. p. 235- 244.

ESTÚDIO CAJUÍNA. Das raízes às pontas, 2021. <https://www.youtube.com/watch?v=kCER75y0ESI&t=1s>>. Acesso em: 02/01/2023.

FIGUEREDO, Angela; CRUZ, Cintia. Beleza negra: representações sobre o cabelo, o corpo e a identidade das mulheres negras. Belo Horizonte: Fino Traço, 2016.

G1.COM. Negros representam mais de 13% da população dos EUA e podem ser determinantes nas eleições. PORTAL G1, 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2020/10/29/negros-representam-mais-de-13percent-da-populacao-dos-eua-e-podem-ser-determinantes-nas-eleicoes.ghtml>. Acesso em: 29/12/2022

GABRIELLA ROCHA. Teu cabelo não nega, 2021 <https://www.youtube.com/watch?v=wg6cjQICV4s> . Acesso em: 02/01/2023.

GOFFMAN, Erving. Estigma: Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. 4.ed. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GOMES, Nilma Lino. Corpo e cabelo como símbolos da identidade negra. In: FIGUEREDO, Angela e CRUZ, Cíntia. Beleza negra: representações sobre o cabelo, o corpo e a identidade das mulheres negras. Belo Horizonte: Fino Traço, 2016.p. 41-51.

GOMES, Nilma Lino. O movimento negro educador: saberes construídos nas lutas de emancipação. Rio de Janeiro: Vozes. 2017.

GOMES, Nilma Lino. Sem perder a raiz: corpo e cabelo como símbolos da identidade negra. 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

HOOKS, Bell. Alisando o nosso cabelo. Traduzido do espanhol por Lia Maria dos Santos a partir de publicação em Revista Gazeta de Cuba – Unión de escritores y Artista de Cuba,

jan/fev de 2005. (<https://coletivomarias.blogspot.com/2008/05/alisando-o-nosso-cabelo.html>). Acesso em: 12/01/2023

NEGROS DE NAÇÕES DIFERENTES – Jean Baptiste-Debret. Google Imagens. (s.d). https://www.google.com/search?q=negros+de+diferentes+na%C3%A7oes&tbm=isch&ved=2ahUKEwi1rci8yqn8AhVxA7kGHcqvc3IQ2cCegQIABAA&sq=negros+de+diferentes+na%C3%A7oes&gs_lcp=CgNpbWcQAzoECCMQJzoECAAQQzoICAAQgAQQsQM6BQgAEIAEUKwFWMoYN1AaABwAHgAgAGWAogBxSySAQcwLjE2LjEzmAEAoAEBqgELZ3dzLXdpei1pbWfAAQE&scient=img&ei=TiuzY7XOLPGG5OUPytukAc&bih=617&biw=1366#imgsrc=EFSoFYLKQUd6zM. Acesso em: 02/01/2023.

NOVAES, Sylvia Caiuby. Jogos de espelhos: imagens da representação de si através dos outros. São Paulo: editora da universidade de São Paulo, 1993.

SILVA, Celia Reina Reis da. Cabelo crespo, corpo negro na luta cultural por representação afirmativa da identidade negra. TRILHAS DA HISTÓRIA, PUC/SP. v.10, n.19, ago-dez ano 2020.

SOUSA, Neusa Santos. Torna-se negro: as vicissitudes da identidade do negro em ascensão social. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.

VIEIRA, Kauê. Dreadlocks: estilo, negritude e história reunidos em um penteado milenar.

GELEDÉS, 2015. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/dreadlocks-estilo-negritude-e-historia-reunidos-em-um-penteado-milenar/>. Acesso em: 02//12/2022

XAVIER DE OLIVEIRA, Luciana. Visões sobre o movimento black rio: apontamentos teóricos sobre o estilo, consumo cultural e identidade negra. Revista Interamericana de Comunicação Midiática. Rio de Janeiro. v.14. n.27. abri/jul. 2015. p. 78-93
SILVA, Nelson Fernando Inocência da. Consciência negra em cartaz. 1993. Tese (Mestrado) - Curso de Comunicação, Universidade de Brasília, Brasília, 1993.

XAVIER, Rafaela. Entre tranças e turbantes: história das tranças e da estética afro-brasileira. Ebook. Belo Horizonte (s.n.t), 2020.

CABELO BONITO. Google Imagens (s.d). https://www.google.com/search?q=cabelo+bonito&sxsrf=ALiCzsb7yyU9KLIaRLggzReE8pw_fDe8Eg:1672691501636&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ved=2ahUKEwj7iJi23an8AhV_HrkGHdqRBU_sAUoAXoECAEQAw&biw=680&bih=607&dpr=1. Acesso em: 02/01/2023.

CABELO FEIO. Google Imagens (s.d).
https://www.google.com/search?q=cabelo+feio&tbm=isch&ved=2ahUKEwii7O33an8AhWxsJUCHRTIA1IQ2-cCegQIABAA&oq=cabelo+feio&gs_lcp=CgNpbWcQAzIECCMQJzIFCAAQgAQyBQgAEIAEMgUIABCABDIFCAAQgAQyBQgAEIAEMgUIABCABDIFCAAQgAQyBQgAEIAEMgUIABCABDoICAAQgAQQsQNQog9YmxNg_xhoAHAAeACAAd8BiAGWB5IBBTauNC4xmAEAoAEBqgELZ3dzLXdpei1pbWfAAQE&scient=img&ei=MDzY76zCrHh1sQPIJC PkAU&bih=607&biw=680 . Acesso em: 02/01/2023